

MUBI/Divulgação



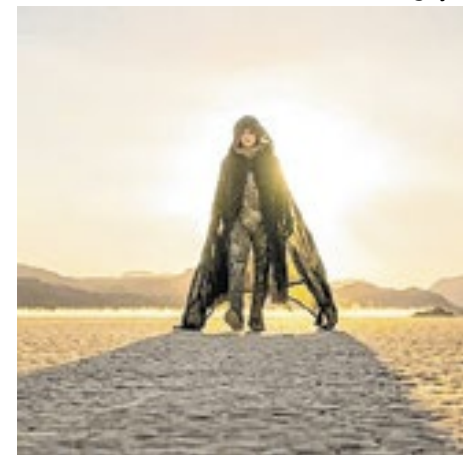
*A Substância*

Divulgação



*Emilia Pérez*

Divulgação



*Duna Parte II*

Divulgação



*Anora*

Divulgação



*Um Completo Desconhecido*

RIFF Divulgação



*O Brutalista*

Divulgação



*Nickel Boys*

espanhola Karla Sofia Gascón. Ela interpreta um chefão do tráfico do México que se submete a uma operação para transicionar e renasce com identidade social feminina, chamando-se Emilia. Uma de suas atrizes, Zoe Saldaña, é a opção mais cotada para o prêmio de Melhor Coadjuvante. Estima-se ainda uma estátua para a canção “El Mal”.

Desse coletivo, quem aparenta mais chances de destronar “Ainda Estou Aqui” é “Anora”. Um atestado audiovisual da saúde criativa da seara autônoma aos grandes estúdios, o longa lançou sua candidatura ao Os-

car assim que conquistou a Palma de Ouro no Festival de Cannes de 2024, em maio, coroando a autorialidade de seu realizador, Baker. Há cerca de duas semanas, a produção de US\$ 6 milhões dispara como favorita à laurea dos EUA, depois de ter conquistado dois dos prêmios sindicais mais importantes de Hollywood, o DGA (da guilda de cineastas) e o PGA (da guilda de produtoras e produtores).

O selo de qualidade autoral que Baker carrega há uma década, desde o sucesso de “Tangerina” (2015), vem não apenas de sua

estética nevrálgica, de planos-sequência trepidantes, mas de sua recorrente imersão no dia a dia dos profissionais do sexo. Abordou a prostituição em “Projeto Flórida” (uma sensação da Quinzena de Cineastas de Cannes em 2017). Falou de um astro pornô em busca de emprego em “Red Rocket” (2021). Agora, seu novo longa, indicado ao Oscar em seis categorias (inclusive a de Melhor Filme), faz de uma stripper de 23 anos, Anora Mikheeva (ou Ani para os íntimos... e clientes), sua personagem central. A atuação de Mikey Madison torna Ani uma figura tridimensio-

nal nos afetos, nas carências e na coragem de peitar machos escrotos. Não por acaso, ela é uma das concorrentes mais fortes da carioca Fernanda Torres (indicada por “Ainda Estou Aqui”) ao troféu de Melhor Atriz na caça à estatueta dourada mais cobiçada da indústria cinematográfica.

Nascido em Nova Jersey, há 53 anos, Baker sabe filmar com pouco dinheiro, como todo artista indie do bom, como Haynes falou. Escreveu, dirigiu e montou essa espécie de Cinderela sem sapatinho de cristal, que já faturou US\$ 36,5 milhões nas bilheterias. Sua estreia no Brasil expande os dividendos do longa na América Latina. Sua precisão na condução de Mikey nos sets é notável, assim como seu diálogo com cânones do humor. “Fui conversar com as tramas românticas do cinema dos anos 1980 extraindo delas o que têm de mais cômico”, disse o realizador numa entrevista Zoom organizada pela Golden Globe Foundation, na qual falou com o Correio da Manhã.

Em sua cartografia da vida noturna do Brooklyn, ele acompanha as doideiras que se passam com Ani depois que ela se envolve com o filho muito louco de um oligarca russo, o moleque Ivan (Mark Eydelshteyn), que conhece no clube onde faz strip-tease. Um momento de conto de fadas se desenha para a moça quando Ivan propõe que eles se casem em Las Vegas. Quando a notícia desse matrimônio às cegas chega à Rússia, despertando a fúria da mãe de Ivan, sua ilusão de uma vida de luxo e riqueza é ameaçada. Em paralelo, um dos prestadores de serviço do rico eslavão, o segurança Ivan (Yura Borisov, indicado ao Oscar de coadjuvante), começa a se encantar por ela. Esse torvelinho de sexo, festas e decepções põe à prova todo o talento de Baker.

Se ele vencer, o jeito indie de se contar histórias será louvado. Ganhe ou não, o destino de Waltinho e o de Fernanda Torres já está sendo reescrito, aos olhos do mundo e de nossa torcida. **Que vençamos!**